

Fronteiras e(m) representação nas narrativas de Milton Hatoum*

Inara de Oliveira Rodrigues* *
Silvia Niederauer***

Resumo: Realiza-se, neste artigo, uma análise das narrativas de Milton Hatoum, com especial destaque para *Órfãos do Eldorado* (2008), pontuando-se de que modo se estabelecem os entrecruzamentos de perspectivas históricas no campo dessa representação ficcional, bem como de questões culturais permeadas por embates entre a dimensão ética e a dimensão política no campo da arte literária. Articular a diferença que funda a especialidade das produções simbólicas e as dependências que as inscrevem no mundo social implica o cruzamento de enfoques que foram, durante muito tempo, alheio uns aos outros. Daí que fronteiras da ficção e fronteiras da história, como objeto de interpretação, apontam para o imperativo da ultrapassagem das “fronteiras” do conhecimento, enquanto limitação, e abertura para possibilidades teóricas entrecruzadas capazes de capturar, no literário, as formações imaginárias constitutivas das identidades e das diferenças.

Palavras-chave: História e Ficção. Literatura e representação. Estudos culturais. Literatura Brasileira Contemporânea.

* Trabalho desenvolvido a partir de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Literaturas Lusófonas, coordenado pela Prof^a Dr. Maria Luiza Ritzel Remédios (PUCRS).

** Prof^a. do Curso de Letras e do Mestrado Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA). E-mail: inarabr@uol.com.br

*** Prof^a do Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA/Santa Maria-RS). E-mail: silvia.niederauer@yahoo.com.br

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 13	n. 20	p. 169-185	Ago. 2011. Recebido em: 31 mai. 2011 Aprovado em: 25 jul. 2011
------------------------	----------------------	-------	-------	------------	---

Introdução

Reconhecer e afirmar o caráter dialógico da literatura em suas relações com o mundo da vida significa colocar em relevo a dimensão ética e política de toda criação literária. Esse reconhecimento ganha importância no atual momento histórico, quando se apresenta a problemática do polêmico conceito de globalização em meio a localismos culturais, particularidades étnicas, reconfigurações identitárias e toda uma nova ordenação de fatores que contextualizam um mundo em câmbio de fronteiras.

No caso das produções culturais, as fronteiras se estabelecem também pela necessidade de reconhecer todo processo interpretativo no limiar de outros saberes e discursos capazes de ampliar sua significância do plano divisório, territorial e político para um plano em que essas divisões se embaralham espacial e temporalmente, através de categorias de semelhantes/ diferentes, “os de fora”/“os de dentro”. As fronteiras, antes de marcos físicos, são produto das representações imaginárias que caucionam certos conteúdos de pertencimento que definem a alteridade em relação aos outros.

Tais pressupostos permitem reconhecer os percursos da literatura contemporânea como um desdobramento dessas problemáticas, que se “traduzem” no hibridismo de gêneros, na transgressão de modelos, entre outras estratégias discursivas. Pelo viés imaginativo, esses procedimentos desvelam as margens dos discursos hegemônicos, entalhados nos interstícios das instituições e nas brechas dos aparelhos de poder e de conhecimento.

Entendendo-se que esse é o caso da obra de Milton Hatoum, efetiva-se, neste artigo, uma análise de suas narrativas, com especial destaque para *Órfãos do Eldorado* (2008), procurando-se pontuar de que modo se estabelecem os entrecruzamentos de perspectivas históricas no campo dessa representação ficcional, bem como de questões culturais permeadas por embates entre a dimensão ética e a dimensão política no campo da arte literária.

Fronteiras e representações

Articular a diferença que funda a especialidade das produções simbólicas e as dependências que as inscrevem no mundo social

implica o cruzamento de enfoques que foram, durante muito tempo, alheios uns aos outros. Daí que fronteiras da ficção e fronteiras da história, como objeto de interpretação, apontam para o imperativo da ultrapassagem das “fronteiras” do conhecimento, enquanto limitação, e abertura para possibilidades teóricas entrecruzadas capazes de capturar, no literário, as formações imaginárias constitutivas das identidades e das diferenças.

Em relação a esse último aspecto, ganha destaque a questão da alteridade em relação à formação identitária. Paul Ricoeur (1997), considerando que o indivíduo está profundamente inscrito na dimensão da história, afirma que a tomada de consciência da sua própria identidade fundamenta-se na elaboração de narrativas sobre “si-mesmo”, o que implica a descoberta, por parte do indivíduo, de que a sua história faz parte da história dos outros. Nesse processo, entretanto, a formulação narrativa se constitui em elemento fundamental. Para o filósofo francês (1997), só um ser capaz de reunir a sua vida sob forma de uma narrativa e de se reconhecer em uma identidade narrativa é suscetível de aceder a essa outra identidade superior, que é a identidade de uma promessa mantida. O conceito de identidade revela-se, desse modo, evidentemente essencial e põe em relevo a problemática da ética do sujeito nesse início do terceiro milênio, que se constrói, paulatinamente, no entrecruzamento de várias vozes: a do homem falante, do homem agente e sofredor, do homem narrador e protagonista da sua própria vida, do homem da responsabilidade ética.

Desse modo, cruzar ficção e história constitui-se, hoje, em topos de importância indiscutível quando relacionado às múltiplas possibilidades da literatura como produção significativa na nossa sociedade, como instância de articulação entre o imaginário e o social, como movimento (des)contínuo do ser humano que se faz sujeito, inscrevendo-se no pertencimento geográfico e temporal. A construção simbólica de pertencimento articula a identidade como marco de referência imaginária, que se define pela diferença e alteridade com relação aos “outros”: “o estudo da literatura mundial poderia ser o modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridade.” (BHABHA, 1998, p. 33).

Nessa perspectiva, ao destacar-se o sentido de alteridade, entende-se que todo discurso situa-se nos interstícios do seu próprio

contexto e no contexto de outrem. Por essa inter-relação fundamental, a imagem da fronteira é recorrente para Bakhtin: “as palavras se dividem, para cada um de nós, em palavras pessoais e palavras do outro, mas as fronteiras entre essas categorias podem ser flutuantes, sendo nas fronteiras que se trava o duro combate dialógico.” (1997, p. 384).

No sentido desse “combate dialógico” torna-se possível perspectivar as assimetrias existentes entre os diferentes discursos que compõem a realidade sociocultural. No horizonte da atual sociedade planetária, tais assimetrias, no entanto, tendem a ser neutralizadas pela lógica da padronização e imposição de um poder tecnocrático-informacional que procura diluir a vitalidade das tensões que constituem a diversidade e a positividade do hibridismo cultural.

Entretanto, compreende-se a cultura como “uma construção histórica que se fez na dinâmica dos contatos entre povos e culturas diferenciadas [implica aceitar que] toda a cultura, nesses termos, é mestiça.” (ABDALA JÚNIOR, 2002, p. 21). Essa noção de mestiçagem (ou mesclagem, de acordo com esse mesmo autor) contribui para que se refutem orientações fundamentalistas ou isolacionistas, ao mesmo tempo em que não significa rasurar especificidades histórico-sociais que devem ter o seu espaço autônomo de atuação. Pelo contrário, é justamente no estabelecimento de um diálogo pluricultural que se afirma como positiva a ideia de um mundo em trânsito de fronteiras: “A zona fronteira [...] é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas”, como afirma o sociólogo português Boaventura Souza Santos (1997, p. 155).

Interessa assinalar que a semântica do termo fronteira aponta para

um derivativo do substantivo *fronte*, ou *frente*, empregado, no período medieval, para designar uma ordem de batalha dada àqueles que se encontravam na vanguarda das tropas combatentes, caracterizadas pela consolidação de postos avançados de defesa - fortificações - nos confins dos reinos em guerra. (FOUCHER, 1991, p. 77 apud RETIS).¹

¹ RETIS. Grupo de Pesquisa. *Zonas de Fronteira internacionais na atualidade: uma discussão*. Disponível em: <www.igeo.ufjf.br/fronteiras/toc.htm>. Acesso em: mar. 2011.

Aos poucos, no âmbito da geopolítica, a noção de fronteira passou a ligar-se ao limite jurídico da soberania e à competência territorial de um Estado-Nação, mas, de modo mais usual, e para o que interessa a este estudo, significa, sobretudo, a zona de contato entre domínios territoriais distintos e, conseqüentemente, entre culturas distintas. Considerando-se esse último sentido, as fronteiras, enquanto construções simbólicas, podem ser compreendidas como espaço em que se define o jogo de representações capazes de “estabelecer classificações, hierarquias e limites que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas”, conforme Sandra Pesavento (2004, p. 109). Assim, definem-se as fronteiras como limites/aberturas em que os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, aos lugares e ao próprio tempo.

Nesse entrecruzamento de culturas, refletindo-se sobre as questões de pertencimento e sentidos identitários, situamos a leitura sobre a obra do escritor Milton Hatoum, apresentada a seguir.

As narrativas de Hatoum entre histórias, mitos e fronteiras

Milton Hatoum, escritor e professor de Literatura, filho de imigrantes libaneses, nascido em Manaus, em 1952, integra, de maneiras diversas e com diferentes intensidades, esses percursos em sua criação literária que, em comum, têm como cenário significativo a cidade de seu nascimento. Nesse espaço, seus romances apresentam variadas temporalidades, mas permanece, mais ou menos implícita, a problematização sobre os sentidos de fronteira. Em entrevista, o autor fez as seguintes colocações:

Eu me lembro - a propósito do dilema: falar árabe ou falar português - de que minha mãe dizia que eu deveria falar português, porque a língua é a pátria. A brasilidade está presente na língua, mas não sei até que ponto está presente numa paisagem brasileira: porque não sei se se pode definir exatamente “paisagem brasileira” para quem é da Amazônia. A Amazônia não tem fronteiras; sim há uma delimitação de “fronteiras”, mas para nós não passam de fronteiras imaginárias. Que importa, para os índios yanomamis, por exemplo, se eles foram assassinados na Venezuela ou no lado brasileiro? Para os índios, o território, a terra deles não tem fronteiras...

E para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngües, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...). Há um mosaico de grandes nações, de tribos dispersas; na verdade, cada vez mais dispersas...²

Em seu primeiro livro, de 1989, o romance *Relato de um certo Oriente*, os diferentes sentidos de fronteira ganham primeiro plano nas dificuldades do trabalho com a memória, nas tensões e na convivência de culturas, religiões, línguas, lugares, sentimentos variados das personagens em relação ao mundo. A casa de Emilie, matriarca da família central da diegese, de origem libanesa, é um microcosmo em que essas tensões aparecem, a partir de uma composição do tecido narrativo em que se complementam “versões” de diferentes vozes.

Assim, os oito capítulos do romance, marcados pela oralidade do “contar”, constituem uma narrativa de encaixe, em que a narradora, personagem não nominada, ao enviar uma carta ao irmão, que se encontra em Barcelona, a fim de lhe revelar a morte de Emilie, sua mãe adotiva, acaba escrevendo um relato com depoimento de membros da família e de amigos. Esses testemunhos proporcionam a viagem à memória, às imprecisões dos registros fatuais e a busca dos afetos, estabelecendo-se, assim, o diálogo aberto pela epígrafe de W. H. Auden:

*Shall memory restore
The steps and the shore,
The face and the meeting place;*
[Possa a memória restaurar/os passos e a praia/a face e o lugar de encontro.]

Dois Irmãos (2000), segundo romance do autor, é outro drama familiar, em que a história apresenta como se faz e se desfaz a casa de Halim e Zana, também um casal de libaneses, que tem três filhos: Rania e os gêmeos Yaqub e Omar, os quais nunca se entendem

² Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>>. Acesso em: fev. 2011.

e travam constantes disputas, numa inferência direta ao mito bíblico de Caim e Abel, somando-se a babélica situação de vozes que se desencontram. Mais do que desencontros, entretanto, a narrativa é marcada pela problematização do deslocamento enquanto situação daquele que vive entre mundos diferentes, por vezes próximos, por vezes distantes, e sempre provisórios.

A situação desse estar entre-mundos ganha o reforço na maneira como se desenvolve a narração do texto: um narrador a princípio não identificado, que começa a se fazer presente na história que narra e, por fim, vem a ser filho de um dos gêmeos, dúvida que o mobiliza no relato, busca identitária conflituosa por ser ele, o narrador, filho da empregada índia que morava nos fundos da casa de Halim e Zana. Os dramas familiares ecoam e fazem ecoar a situação de Manaus do início do século XX, anos do auge da borracha, até a crise e decadência da economia extrativista, chegando ao Golpe Militar de 1964, no Brasil. Nesse contexto, o solitário narrador conclui:

Hoje, penso, sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos. (p. 196).

Como epígrafe, encontramos a seguinte passagem do poema “Liquidação”, de Carlos Drummond de Andrade:

*A casa foi vendida com todas as lembranças
todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em via de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
com seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis [...]*

Em *Cinzas do Norte* (2005), Milton Hatoum, estabelece o entrecruzamento da História com a ficção partindo do ponto de chegada do romance anterior, ou seja, por intermédio das lembranças, principalmente, de dois personagens narradores, Lavo e Ranulfo, realiza-se o resgate crítico da época da ditadura militar,

de 1964, até a década de 80, no Brasil. Esse resgate denuncia os sofrimentos e as tragédias ocorridas durante aquele período tortuoso, duramente contestado pelo personagem Mundo, que não aceita o cerceamento da liberdade imposto pelo regime ditatorial, refletido na figura de seu pai, Jano.

Mundo não se preocupa somente consigo mesmo, mas, também, com o sistema que sustenta uma sociedade eticamente corrompida, que garante os privilégios de poder da elite à custa da situação de extrema pobreza da maioria da população. Nesse sentido, a situação dos habitantes de “Novo Eldorado”, bairro nos arredores de Manaus, planejado, na narrativa, pelos militares, apresenta características próximas às atuais favelas, espaços marginalizados dos grandes centros urbanos.

Como contraponto a Mundo, o comportamento de Lavo é o de um indivíduo conformado com o sistema. Apesar de não concordar com os atos autoritários que se apresentam no romance, não se sente em condições de lutar contra suas limitações: com poucas condições financeiras, teve que empenhar-se pela carreira de advocacia, traduzindo a situação dos “vencedores vencidos”. Somente mais tarde, quando o regime começa a enfraquecer, Lavo toma partido pelos desfavorecidos da sociedade.

Uma das estratégias narrativas do romance consiste na apresentação de troca de cartas, recurso bastante utilizado a compor o quadro de testemunho de uma época, em que procurar um norte resulta no encontro de cinzas, permanecendo o tema do deslocamento, como aponta a epígrafe:

Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares.
João Guimarães Rosa

Em *Órfãos do Eldorado* (2008), o autor retoma os principais conteúdos da sua ficção, apresentados, estrategicamente, por meio da linguagem enquanto im-possibilidade de revelar tanto a realização de um devir histórico quanto das construções discursivas de sentido – num vai-e-vem entre a miragem e a matéria. Desse modo, enunciação e enunciado se entrelaçam no jogo discursivo em que o Eldorado se revela e se esconde nas teias possíveis da interpretabilidade, cujo vértice mais acentuado pode ser o

questionamento sobre os espaços/tempos que se configuram entre os sentidos dos mitos, esvaziados de forças criadoras, e os sentidos da história, a ser resgata sem garantias teleológicas.

Nessa narrativa, afirma-se, assim, uma trajetória literária marcada pela exigência de uma escrita que “fere fundo”, como afirma Maria da Glória Bordini. Ou ainda, de acordo com Luis Dolhnikoff,

se a prosa ruim faz do leitor um turista, a boa prosa o torna um viajante. A diferença entre o turista e o viajante, como se sabe, é que o turista, quando viaja, espera no fundo encontrar em seu destino a sua cidade, ou seja, tem olhos de fato para o que já conhece, que então reconhece, enquanto o viajante despe sua cidade ao partir. Não se faz turismo na prosa de Milton Hatoum.³

Nessa viagem pela prosa do autor amazonense, deve-se saber, em relação a *Órfãos do Eldorado*, que se tratou de um projeto adequado às regras da “Coleção Mitos”, idealizada pela editora escocesa Canongate e publicada por um *pool* de editoras em trinta países. Esse enquadramento significou um texto mais curto, a que genericamente se pode definir como novela, situado em uma cidade à beira do rio Amazonas, onde Arminto Cordovil retoma os fios da memória, cruzando o relato de sua vida com o relato da história local e nacional.

Com a seguinte epígrafe, o texto aborda, entre outras, e mais uma vez, a problemática do deslocamento, da impossibilidade de sentidos para vidas que, despedaçadas, não têm como fugir de si mesmas, não há local de partida, não há esperança de chegada:

Dizes: “Vou para outra terra, vou para outro mar.
Encontrarei uma cidade melhor do que esta.
Todo o meu esforço é uma condenação escrita,
E meu coração, como o de um morto, está enterrado.
Até quando minha alma vai permanecer neste marasmo?
Para onde olho, qualquer lugar que meu olhar alcança,
Só vejo minha vida em negras ruínas
Onde passei tantos anos, e os destruí e desperdicei.

³ Os textos de Bordini e Dolhnikoff estão disponíveis em: <www.sibila.com.br/index.php/critica>. Acesso em: fev. 2011.

Não encontrarás novas terras, nem outros mares.
A cidade irá contigo. Andarás sem rumo
Pelas mesmas ruas. Vais envelhecer no mesmo bairro,
Teu cabelo vai embranquecer nas mesmas casas.
Sempre chegarás a esta cidade. Não espereis ir a outro
lugar,
não há barco nem caminho pra ti.
Como dissipaste tua vida aqui
Neste pequeno lugar, arruinaste-a na Terra inteira”.

A cidade, 1910

Konstantinos Kaváfis

Nas voltas da memória do protagonista, a tentativa de revelar sentidos sobre as voltas que a vida dá:

Nossa vida não se cansa de dar voltas. Eu não morava nesta tapera feia. O palácio branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. Quando decidi viver com a minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo. Diziam que morava numa cidade encantada, mas eu não acreditava. Além disso, eu andava enrascado, liso que nem pau-de-sebo. Sem amor e sem dinheiro, e ainda corria o risco de perder o palácio branco. E não tinha a obstinação do meu pai. Nem a esperteza. Amando Cordovil seria capaz de devorar o mundo. Era um destemido: homem que ria da morte. E olha só: a fortuna cai nas tuas mãos, e uma ventania varre tudo.⁴ (p. 14).

O passado representava a autoritária e distante figura do pai, Amando, que imputava ao filho a culpa pela morte da mãe – e do qual só lhe restava “desprezo e silêncio”. Reconhecido como um benfeitor pela comunidade, homem orgulhoso de ter enriquecido por seu empreendedorismo na época do auge do ciclo da borracha, sobre Amando, no entanto, vai pesar a dúvida a respeito de negócios ilícitos, contrabandos e sonegação. A cobiça e a ilusão de Amando se materializam no cargueiro “Eldorado” – que, ao naufragar, também faz ecoar a lenda da Cidade Encantada, pois submerge,

⁴ Todas as demais citações de *Órfãos do Eldorado* foram retiradas da seguinte edição: HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, passando-se a indicar apenas o número das páginas respectivas.

com o navio, a vida de riquezas sonhadas pelo pai de Arminto. Essa lenda contava sobre a existência de uma cidade “que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas” (p. 64).

Além dessa lenda da cidade encantada submersa, outras histórias entram no repertório do protagonista-narrador por meio de Florita, que traduzia para o menino a língua dos indígenas. A índia que o criou foi também a mulher com quem teve a primeira experiência sexual – ato que não foi perdoado por Amando, e que distanciou ainda mais o pai e o filho.

Quando da morte de Amando, Arminto conheceu Dinaura, a “mulher de duas idades”:

Não lembrava com nitidez do rosto; dos olhos, sim, do olhar. Rever o que foi apagado pela memória é uma felicidade. Tudo voltou: o sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia? Procurei a origem, nunca encontrei. Encontrei outra coisa, que só depende do acaso, de um único momento da vida. E percebi que era tarde demais para desfazer o destino. (p. 31).

Órfã interna de um colégio de freiras, Dinaura aceita a corte do então ainda próspero pretendente, e começa um namoro em que imperava o silêncio, pois, somente nos sonhos Armindo ouvia a voz de sua amada. Ela, porém, desapareceu, um dia, misteriosamente, reforçando o mito da cidade encantada: “A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado” (p. 64).

Assim, a lenda serve de consolo a uma realidade marcada por séria crise socioeconômica:

Andei de bonde pela cidade, vi palafitas e casebres no subúrbio e na beira dos igarapés do centro, e acampamentos onde dormiam ex-seringueiros; vi crianças ser enxotadas quando tentavam catar comida ou esmolar na calçada do botequim Alegre, da Fábrica de Alimentos Italiana e dos restaurantes. A cadeia da Sete de Setembro estava lotada, vários sobrados e lojas à venda. (p. 57).

Crise que vai arrastar Arminto para uma vida de pobreza e fracassos, mas permanece, apesar disso, sua obsessão em encontrar Dinaura; com seus últimos recursos, empreende novas buscas para as quais contrata conhecidos barqueiros: “Então esperei Ulisses Tupi, famoso por encontrar saída nos labirintos de nossos rios. [...] Jurou que Dinaura estava viva, mas não no nosso mundo” (p. 64). A referência ao herói grego, por certo, amplifica a irônica e crítica leitura da perspectiva mítica sobre a história, pois logo fica-se sabendo que outros barqueiros, Denísio Cão e Joaquim Roso, trouxeram meninas órfãs, que, muitas vezes, se prostituíam – “era o destino de muitas filhas pobres da Amazônia” (p. 64). Algumas, como Florita, ganharam o abrigo de ricos comerciantes, como Amando, outras, como Dinaura, foram para orfanatos.

Sem mais recursos, Arminto vende todas as propriedades da família, tenta ainda manter Florita em uma das casas a serviço dos novos moradores, mas o negócio toma outro rumo e ela acaba ficando sem ter onde morar. A situação foi (mal) remediada com a ajuda de Estiliano, advogado e amigo da família Cordovil, que alugou para ela um quatinho, enquanto o político Leontino Byron, um dos sempre protegidos de Amando, “deu a Florita um tabuleiro para vender beijos e queijo de coalho” (p. 82) Quanto a Arminto, depois de dissipar todo o dinheiro que ainda lhe restava, comprou uma canoa e passou a servir os turistas que chegavam no porto:

Lembro de um grupo de turistas que queria ver índios. Eu disse: é só observar os moradores da cidade. Um dos turistas insistiu: Índios puros, nus. E então os acompanhei até a Aldeia da minha infância e mostrei a eles os últimos sobreviventes de uma tribo. Se vocês quiserem conversar com eles, conheço uma tradutora, eu disse, pensando em Florita. Não queriam conversar, e sim fotografar. [...] No fim do passeio, eu mostrava a fachada do palácio branco e dizia que a casa havia pertencido à minha família. Depois contava o sumiço de Dinaura, mas acho que não acreditavam em mim, pensavam que eu fosse doído. Fui proibido de entrar no restaurante e nos salões do *Hilary*, e todo o luxo de uma época acabou numa lembrança amarga. (Idem, *Ibidem*, p. 83).

Torna-se interessante observar que aos turistas interessava mais as imagens do que as palavras: “não queriam conversar, e sim fotografar”. No desencanto da palavra, o desencanto de Arminto e sua trajetória que se transformou numa vida a desmentir o Eldorado, como, enfim, são desmentidas todas as traduções de Florita: “Traduzi torto, Armindo, tudo mentira” (p. 90). No encantamento das versões de Florita, a palavra se reveste em lenda a aplacar a dor da vida vivida. No sumiço de Dinaura, a dor do abandono de uma mulher também transformada em lenda.

“Em órfãos do Eldorado, a palavra envolve a realidade num véu de sombras. [...], Na Amazônia naufraga o logos revelador. Outra linguagem impera. Em lugar das palavras de ordem, do cálculo e da razão, enredos de névoa arrastam densos para o ventre escuro dos rios.” (SCHULLER, 2008).

Nesse jogo de luz e sombra, desvelam-se verdades incompletas, como quando, pouco antes de morrer, Estiliano revela que o desaparecimento de Dinaura poderia estar associado ao fato de ter sido filha ou amante de Amando e, depois do envolvimento com Arminto, teria se isolado numa ilha afastada. Para Arminto, contudo, essa “era uma história entre os dois. E uma dúvida para sempre, mas eu também não fazia parte dessa história?” (p. 101). Assim persiste em sua busca, a partir das informações do advogado:

Sáimos de Manaus numa lancha pequena, e no meio da manhã navegamos no coração do arquipélago das Anavilhanas. A ânsia de encontrar Dinaura me deixou desnordeado. A ânsia e as lembranças da Boa Vida. A visão do Rio Negro derrotou meu desejo de esquecer o Uaicurapá. E a paisagem da infância reacendeu minha memória, tanto tempo depois. [...] No fim da manhã alcançamos o Paraná do Anum e avistamos a ilha do Eldorado. [...] A água preta, quase azulada. E a superfície lisa e quieta como um espelho deitado na noite. Não havia beleza igual. (p. 102).

Entretanto, e afinal, o que se revela é o silêncio – “aquele lugar tão bonito, o Eldorado, era habitado pela solidão” (p. 102). Solidão que o narrador-protagonista tenta aplacar, lançando uma pergunta para uma resposta afirmativa do seu virtual ouvinte-(leitor), “contar ou cantar não apaga a dor?” Diante de um descrente

destinatário de sua/s história/s, a narrativa termina com outra questão, a colocar em suspenso o território mítico: “Pensas que passaste horas nesta tapera ouvindo lendas?” (p. 103).

No posfácio, o autor (chamemos-lhe assim, embora se possa entender que essa voz autoral também faz parte do jogo narrativo) relata que o livro foi escrito a partir de suas memórias sobre as histórias contadas por seu avô, seguindo-se os agradecimentos, no qual explica que, além desses relatos, também foram realizadas pesquisas no processo de construção ficcional. Nesses percursos da enunciação, (des)velam-se as malhas do enunciado, que dá substância ao mito – narrativa que vive na fronteira da realidade e da fabulação, do sono e da vigília. Entretanto, na novela de Hatoum, a miragem de um não-lugar aponta para a impossibilidade da utopia.

Considerações finais

Não se trata, aqui, da apresentação de uma categórica conclusão, mesmo que no plural, mas de um balanço das principais questões levantadas, a começar pelo ponto imediatamente anterior. Se pensarmos nas linhas de aproximação e distanciamento entre as noções de mito e utopia, ainda que sem a pretensão de aprofundarmos a questão, encontramos as seguintes considerações de Patrick Hubner (no *Dicionário de Mitos Literários* organizado por Pierre Brunel),

o paradigma definido pela Utopia de T. Moore, permite operar com distinções: enquanto o mito de Atlântida se mantém encerrado numa temporalidade circular, [...] a utopia clássica se inscreve numa espécie de presente contínuo, marca do estado acabado de uma evolução positiva em que se insere a ficção compensadora de uma realidade histórica insuficiente. (1998, p. 925)

Em relação ao mito do Eldorado, entretanto, seguindo-se Hubner (1998) e considerando-se a versão de Voltaire, no *Cândido*, o Novo Mundo é o lugar de uma utopia marcada antes de tudo pelo distanciamento geográfico, conservando do mito regressivo da cidade ideal o caráter de uma estrutura autônoma rompida com o exterior e a insularidade espacial que enfraquece a insularidade

temporal. (1998, p. 926) E ainda: “na realidade, o Eldorado voltariano reproduz o esquema utilizado por Garcilaso de La Veja para descrever o império inca. Entre o mito e a utopia inscreve-se, por vezes, a história.” (1998, p. 926).

Ao se considerar a inscrição da história, não podemos esquecer o que significou, na literatura latino-americana, o abandono da visão evolucionista e a tentativa de operar com um novo conceito de tempo histórico, o que deu origem ao realismo maravilhoso. Para configurar o que seria uma nova realidade histórica, são subvertidos os padrões convencionais da realidade ocidental: essa nova realidade requer que se coloque em pé de igualdade tanto o acontecimento histórico quanto o mito e a lenda. Ao se misturar o tempo sucessivo da história com o tempo circular do mito, surge um espaço supra-histórico, que permite a elipse de concepções como anacronismo ou atraso, sugerindo a existência de uma força e de uma riqueza imaginativa capazes de servir de resistência aos golpes da história.

Trata-se, assim, de uma perspectiva otimista que, no entanto, desde as últimas décadas do século XX, não se sustenta: no mundo capitalista desenvolvido, assiste-se à perda da fé modernista no vir-a-ser, ao desprestígio das utopias em função de suas pretensões totalizantes, a desconfiança em relação aos ideais que constituíram a base do pensamento humanista. Trata-se de uma sociedade marcada pela descartabilidade, pela obsolescência instantânea dos produtos de consumo, dominada pela comercialização da imagem, individualista e perdida num mar de coisas transitórias (FIGUEIREDO, 1994, p. 163).

Desse modo, na novela de Hatoum, o sentimento de orfandade e abandono desponta de uma realidade em que, conforme Said (2003, p. 226), as mudanças que se processaram no mundo levaram a uma nova consciência geográfica: “de um mundo descentrado, ou multicentrado, um mundo não mais selado dentro de compartimentos estanques de arte, cultura ou história, mas misturado, confuso, variado, complicado pela nova e difícil realidade das migrações, novas culturas que emergem ou desabrocham”.

Nesse mundo, o encantamento se desfaz – resta a palavra literária, instaurada, via imaginário, por aquele que se aventura na interpretação da discursividade potencialmente significativa para a reflexão do mundo da vida.

Borders and representation in Milton Hatoum's narratives

Abstract: Milton Hatoum's work, and especially his novel *Órfãos do Eldorado* (2008), are studied in this essay, which aims to observe the intersections between historical and fictional perspectives in the author's work, as well as issues related to conflicts between the ethical and political dimension in his literary art. Articulating the difference on which lies the specificity of symbolic productions and the relations that insert them in the social world implies the crossing of approaches that have been neglected for a long time. Therefore, the borders of fiction and history, as objects of interpretation, point to the imperative of overcoming the "borders" of limited knowledge, and opening them to theoretical intersections that allow one to capture, in the literary, the imaginary formations constitutive of identities and differences.

Keywords: History and Fiction. Literature and representation. Cultural studies. Contemporary Brazilian Literature.

Referências

ABDALA JR., Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*. São Paulo: SENAC, 2002.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. *Da profecia ao labirinto – imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ/Imago, 1994.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HUBNER, Patrick. Eldorado (verbete). In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras e intertextualidade em O Continente, de Erico Verissimo. In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *Pampa e Cultura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Instituto Nacional do Livro, 2004.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa* - I. Campinas: Papyrus, 1997.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHULLER, Donaldo. *Atoleiros e naufrágios em Órfãos do Eldorado*. Disponível em: <<http://www.frenteirasdopensamento.com.br/revista-fronteiras/>>. Acesso em: jul. 2008.